# Editorial

*Evangelho e culturas é o tema norteador das reflexões deste caderno. Os autores propuseram-se a refletir a temática à luz de vários textos bíblicos. Em vista da vasta literatura sobre cultura e evangelização que tem sido publicada nos últimos anos, achamos desnecessário incluir artigos de caráter mais abrangente e sistemático sobre o assunto. O presente caderno pressupõe boa parte desta discussão mais sistemática; seu objetivo é, por isso, aplicar o assunto e a discussão que o mesmo gerou em textos bíblicos concretos. Trata-se, pois, de um caderno prático e experimental, que submetemos à leitura e avaliação dos leitores.*

*Os textos e assuntos selecionados pelo grupo de autores foram os seguintes:*

O Deus nacional, *de Isidoro Mazzarollo. O artigo aborda o monoteísmo de Israel "como causa motora de sua história e sobrevivência entre os povos" e relaciona-o com o templo, a aliança e o culto de Israel.*

A adoração exclusiva a Javé no processo de inculturação em Israel, *de Renatus Porath. O autor analisa como Israel, ao confrontar-se com a cultura e as convicções religiosas de seus vizinhos imediatos, foi assimilando ou rejeitando formas e conceitos religiosos e como os mesmos são colocados a serviço da fé no Deus exclusivo Javé. No diálogo contínuo entre Deus e seu povo, Israel submete a uma constante autocrítica as imagens que se faz de Javé.*

O amém do pobre – reflexões bíblicas sobre a "inculturação" do Evangelho no mundo dos pobres, *de Friedrich Erich Dobberahn. O autor afirma: "O contexto pluriforme de pobreza preserva a fé. As expressões e práticas religiosas das populações empobrecidas do chamado Terceiro Mundo merecem a nossa atenção, pois foi neste 'grupo misto' do êxodo, ou seja, neste seu contexto pluricultural, multiétnico e plurirreligioso de pobreza, que o 'Deus dos hebreus' se 'inculturou'".*

A encarnação de Jesus, *de Günter Wolff. O texto da encarnação de Jesus (Jo 1,14) relembra a prática de Javé no AT e como Javé radicaliza seu projeto assumindo ele mesmo, em Jesus Cristo, a forma do camponês. Agora é Jesus Cristo, o camponês, que vive o seu projeto do Reino de Deus a partir da classe camponesa. Javé, em sua luta contra a classe que controla o Estado e a religião, se torna alguém da classe oprimida para, a partir dela, acabar com as classes sociais.*

Jesus e os samaritanos – todas as culturas devem ter lugar no Reino, *de Cyzo Assis Lima. Apresenta o conflito entre judeus e samaritanos. Citando os*

*textos dos evangelhos em relação ao povo samaritano, vai mostrando a relação e aproximação de Jesus com aquela cultura oprimida. Na conclusão o autor lembra que hoje as CEBs são espaços privilegiados para uma vivência intercultural na ótica libertadora.*

Os fariseus e Jesus: uma releitura, *de Ramiro Mincato. O objetivo do autor é mostrar que o farisaísmo é um movimento religioso complexo. Ele não merece – à semelhança do judaísmo como um todo – uma apreciação num só sentido. Existem elementos no farisaísmo com os quais Jesus comunga, e outros que ele rejeita. O estudo deste grupo pode nos mostrar uma série de qualidades que possuía, as quais ainda hoje poderiam ser consideradas como essenciais para a expressão da fé.*

Superando fronteiras – o encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30), *de Verner Hoefelmann. Sem desprezar as interpretações tradicionais, o artigo reconta o texto sobre o pano de fundo das tensões e preconceitos na fronteira entre a Galiléia e a região de Tiro. Ao final se constata que Jesus é tão auxiliado quanto a mulher. Quando se reflete sobre o encontro entre culturas, isto poderia indicar que a verdadeira ajuda só acontece quando ambas as partes estão dispostas a se deixar transformar.*

Dâmaris: como o Evangelho chegou até ela? (At 17,16-34), *de Marion Creutzberg. A partir da quase silenciada Dâmaris (ouvinte do discurso de Paulo em Atenas), a autora procura apontar algumas questões que nos acordam para o significado da patriarcalização da fé para as mulheres e as culturas oprimidas como um todo. A fé inculturada pelas mulheres e homens é aquela que legitimou a inferioridade da mulher, da negra(o), da índia(o)... O texto de Lucas nos mostra isto. É preciso que recriemos a imagem de Deus, e assim possamos, como cristãos, dar nossa contribuição e compartilhá-la nas diversas culturas.*

Nem judeu, nem grego – a inculturação do Evangelho a partir de Rm 9–11, *de Itacir Brassiani. Por trás da pergunta pelo lugar ocupado por Israel no Plano de Salvação de Deus está uma questão mais fundamental, de cunho teológico-pastoral: Qual é a relação entre o Evangelho e as diversas culturas? Em Rm 9–11 Paulo responde a esta questão afirmando que, embora a evangelização sempre se realize mediante uma cultura determinada, o Evangelho não é prisioneiro de nenhuma totalidade cultural. Cabe às culturas serem "condutoras da seiva" que vem das raízes da fé.*

As primeiras comunidades e o gnosticismo: tensão e inculturação, *de Castor Bartolomé Ruiz. O autor coloca: "O Evangelho de João estabelece um diálogo com o pensamento gnóstico, porém o faz de forma crítica. Tenta se inculturar criticamente no mundo dos intelectuais e no ambiente popular onde se estendia o pensamento gnóstico. Apresenta Cristo e o Evangelho com categorias muito queridas ao gnosticismo. Ao fazê-lo não cede simplesmente à ideologia dominante. Afirmando o princípio fundamental da Encarnação, apresenta Cristo sob imagens familiares aos gnósticos, enfatizando, porém, claramente a libertação integral que este representa".*

Uwe Wegner